



**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Declaro iniciada a 7ª Reunião de Audiência Pública da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização.

Esta reunião foi convocada com a finalidade de atender ao Requerimento nº 5, de 2023, da CMO, de minha autoria, subscrito pelo Deputado Daniel Almeida, aprovado na 4ª Reunião Deliberativa Extraordinária, para discutir sobre a importância da ciência e a percepção pública sobre o tema.

Informo que a reunião ocorre de forma semipresencial. Pode haver Parlamentares presentes no plenário e Parlamentares, assim como convidados, participando de forma virtual através da plataforma Zoom.

Para melhor ordenamento dos trabalhos, comunico que, de acordo com o estabelecido no art. 15, inciso III da Resolução nº 1, de 2006, do Congresso Nacional, os palestrantes dispõem de 10 minutos prorrogáveis para sua exposição. Conforme estipulado no art. 94, § 2º e 3º, do Regimento Interno do Senado Federal, combinado com o art. 256, § 5º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, terminada a apresentação dos expositores, os Srs. Parlamentares inscritos para interpellar poderão fazer estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos, tendo os interpellados igual tempo para responder, facultadas a réplica e a tréplica pelo prazo de 3 minutos.

Informo ainda que os palestrantes participarão de forma virtual e que as apresentações dos mesmos, quando houver, estarão disponíveis na página da Comissão.

A lista de inscrição para o debate está aberta.

Esta audiência pública tem como objetivo realmente trazer aos Parlamentares da Comissão Mista de Orçamento, que é exatamente quem define o Orçamento brasileiro, o foco em ciência, tecnologia e inovação. Já fizemos muitas audiências no Senado, aqui também quando fui Deputado, mas o que percebemos é que a população brasileira ainda não conhece — nós não conseguimos popularizar — a



ciência, tecnologia e inovação, para que as pessoas saibam da sua importância, porque há uma distorção ou um completo desconhecimento.

Então, como esta Comissão é a que define o Orçamento, é uma Comissão que define inclusive contingenciamento ou não, esses são os desafios que nós temos aqui. Assim, quanto mais os Parlamentares estiverem informados, conhecerem o setor, melhor para sensibilizá-los para aumentarem os recursos tão necessários para o País na área de ciência, tecnologia, inovação e pesquisa.

É evidente que, com as várias discussões que fizemos na Comissão de Ciência e Tecnologia e na Comissão Senado do Futuro que fizemos, essas Comissões normalmente já têm os convertidos, que já sabem e reconhecem a importância, mas aqui, na Comissão Mista de Orçamento, nem todos conhecem ou colocam muito à disposição. Então, precisamos sensibilizá-los com a vinda de vocês aqui para expor e apresentar as demandas, as dificuldades, a importância disso.

Ontem nós tivemos aqui uma audiência pública com a EMBRAPA. Por incrível que pareça, o orçamento da EMBRAPA foi, este ano, de 156 milhões de reais, e as emendas superaram os valores aplicados no orçamento da EMBRAPA. Mais de 50% foram emendas individuais, de bancada e de Comissão. Daí a importância desta audiência para a sensibilização de todos os Parlamentares aqui. Das emendas parlamentares, foram 67 emendas individuais para a EMBRAPA, sendo que 6 foram emendas de bancada.

Então, hoje, precisamos também mostrar para os Parlamentares a importância da ciência, tecnologia e inovação, inclusive com a popularização delas. E não só os Parlamentares, mas a população também precisa entender que pesquisa é de médio e longo prazo, que não existe nada que caia de paraquedas e que tudo é fruto de muito estudo e de muito trabalho, e isso tem de ser mostrado de uma forma didática. As pessoas, quando veem um celular, acham que ele veio pronto já, não sabem que foram anos e anos de pesquisa.

Então, um dos objetivos desta reunião também é popularizar a importância da ciência, tecnologia e inovação.



Eu vou passar a palavra logo para os expositores. No fim da reunião, faremos as considerações.

Em primeiro lugar, vou passar a palavra para a nossa Secretária de Políticas e Programas Estratégicos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, a Sra. Marcia Cristina Bernardes Barbosa.

Tem a palavra a Marcia.

**A SRA. MARCIA CRISTINA BERNARDES BARBOSA** - Obrigada.

Bom dia a todos e a todas.

É com satisfação que eu quero compartilhar um pouquinho com vocês algumas ideias.

Eu não tenho uma apresentação específica, porque eu quero mais é fazer provocações. Por que fazer ciência? A primeira pergunta mais geral: por que temos que fazer ciência?

Deixem-me dar um dado para vocês. Antes da Revolução Industrial, quando começamos não só a transformar a ciência em modificações na saúde pública ou na agricultura, expandindo o conhecimento, a sobrevida média da população na Europa — e eu vou pegar um país de uma região rica —, em países ricos, era em torno de 34 anos; hoje em dia, está em mais de 80 anos. O que aconteceu? O fato de termos um desenvolvimento do conhecimento — e eu vou ser mais ampla do que falar de ciência e eu vou falar de conhecimento — fez com que a sobrevida das pessoas aumentasse.

Então, quando alguém me pergunta: *"Para que eu tenho que fazer ciência? Por que eu tenho que investir em ciência?"* Eu digo: *"Porque eu não estaria viva hoje, pois eu tenho mais de 34 anos!"* Não vou revelar quantos anos eu tenho — eu não vou fazer isso —, mas eu tenho mais de 34 anos e eu não estaria viva hoje sem a ciência!

Portanto, é muito claro que no mundo nós temos que fazer ciência. Nós temos desafios cotidianos, e eu acho que a pandemia foi um desafio desses que mostrou



que, quando nós articulamos as pessoas para fazerem ciência, as pessoas fazem ciência, e nós resolvemos os problemas.

Mas aí há uma segunda pergunta que também me fazem: *"Marcia, por que temos que fazer ciência no Brasil?"* A gente pode comprar. A gente usa celular, que é algo que não apareceu magicamente. Existe toda uma história de desenvolvimento do conhecimento. Não é por magia que aparece, gente!

Então, foi a ciência que gerou isso. Mas por que o Brasil também tem que participar dessa batalha do desenvolvimento do conhecimento?

Deixem-me contar uma historinha para vocês. Já que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a EMBRAPA, esteve aí, eu vou contar uma historinha que tem a ver com a EMBRAPA.

O Brasil, bem no começo da produção de soja, era um péssimo produtor de soja. Hoje, todo mundo planta soja todo empolgado. A soja não é nativa do Brasil. Quem trouxe as primeiras sementes de soja foi uma mulher, a Pagu, que foi à China e trouxe as sementes, mas elas não davam bem.

O que as pessoas que plantavam soja faziam? Faziam o que mais fazemos nas escolas, que é copiar e colar! As pessoas olhavam o que os Estados Unidos faziam — que era encher a plantação de defensivo — e elas faziam o mesmo no Brasil. Isso não prosperava, até que uma pesquisadora da EMBRAPA e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — e estou falando de uma universidade pública — olhou para a cana de açúcar e notou uma coisa: *"Mas espere aí um pouquinho! A cana-de-açúcar é prima-irmã da soja. Por que a cana-de-açúcar dá direito sem precisar de muita coisa e a soja não dá?"* Ela descobriu através de pesquisa que a fixação do nitrogênio na cana-de-açúcar se dava por meio de uma bactéria. O que ela fez? Falou: *"Eu vou adaptar essa bactéria para a soja"*. Bingo! Não deu outra, a soja começou a produzir bem. Junto com isso, ela teve que convencer o poder público a parar de olhar para a gringolândia e de copiar os Estados Unidos e a passar a ter uma estratégia nacional com a fixação do nitrogênio. Só isso! Foi só isso, sim! E só essa coisa nos levou a ser o segundo



produtor de soja do mundo. Por sinal, Johanna Döbereiner não é nome de rua nem de pracinha no Brasil, e ela não enriqueceu com isso.

Essa é uma das historinhas que podemos contar de uma ciência que vira desenvolvimento imediatamente feito no Brasil. Se vocês quiserem conhecer outras historinhas, temos uns filmetes maravilhosos na página da Academia Brasileira de Ciências, com o nome de *Ciência gera Desenvolvimento*. Quem não conseguir achar o *link*, por favor, escreva-me. Eu sou [marcia.barbosa@mcti.gov.br](mailto:marcia.barbosa@mcti.gov.br) e eu mando os filmetes para vocês poderem expandir. Esses filmetes são maravilhosos.

O que eu quero dizer com isso? Que até nesta cobrança de uma ciência que vira desenvolvimento imediatamente, o Brasil tem respostas. Mas essas respostas não são ensinadas na escola. Essas respostas não viram novela nem propaganda na TV. Essas pessoas não estão aí anunciando produtos, não estão famosas em nenhuma das nossas mídias sociais. E precisamos trazer essas histórias também.

Então, com isso quero dizer que temos, sim, uma ciência que imediatamente vira desenvolvimento. Mas, para que essa ciência vire imediatamente desenvolvimento, precisamos financiar outra ciência, que foi a ciência que permitiu que essa pessoa ou que essa pesquisadora que eu cito aqui como exemplo, a Johanna Döbereiner, tivesse o conhecimento básico para fazer a transição dessa ciência que vira aplicação. Para fazermos esta ciência, nós precisamos ter investimento.

Portanto, precisamos aumentar a divulgação geral como um ponto de escola. Ninguém ensina na escola nada sobre Johanna Döbereiner. Precisamos falar nas mídias sobre essas pessoas, sim. E precisamos, ao mesmo tempo, financiar a ciência mais básica.

Ontem, eu visitava o Projeto Sirius. Eu sou do Conselho de Administração do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais — CNPEM, onde nós temos Sirius, que é esta luz mais brilhante do planeta. Nós conseguimos construir com tecnologia nacional a luz mais brilhante do planeta, um equipamento que vai conseguir dar respostas científicas e tecnológicas maravilhosas. Se não é para isso



ser matéria ou informação a ser ensinada na escola, eu não sei mais o que nós precisamos ensinar ou do que nós devemos falar. Estive lá e ressaltai que o orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação precisa ser reforçado para conseguir manter e ampliar centros como o Sirius.

Nós precisamos, sim, falar de ciência e investir em ciência. E precisamos fazer essa transição, esse transbordamento da ciência feita muitas vezes nas universidades, nos centros de pesquisas e em algumas empresas, para expandi-la para todas as empresas. Mas isso só será possível se nós ampliarmos a nossa pós-graduação.

No Brasil, o percentual da população de 24 a 30 anos que está na universidade é mais baixo que o do Chile, que o da Argentina, que o da Colômbia e muito mais baixo que a média da OCDE. Para termos força de trabalho para inundar esse sistema, precisamos ampliar o atendimento de nossas universidades. As pessoas gostam de dizer que no Brasil há muito doutor. No Brasil há pouco doutor, porque há pouco graduado. Nós temos que formar muito mais pessoas, para fazer transbordar a pesquisa feita nas universidades e nos centros de pesquisa, para garantir pessoas também atendendo nas indústrias, fazendo não só uma neointustrialização ou nova industrialização, mas uma industrialização na fronteira do conhecimento. É isso que dá PIB, é isso que dá crescimento.

Enquanto nós continuarmos cortando investimentos em ciência e tecnologia, enquanto nós continuarmos com um investimento medíocre em ciência e tecnologia, nós não vamos fazer crescer as nossas universidades. Eu trouxe um gráfico que mostra que a queda no percentual de investimento em ciência e tecnologia no Brasil, que até 2010 estava num crescente e passa a despencar, se correlaciona assustadoramente com o decréscimo de pessoas procurando fazer o ENEM. Enquanto nós estivermos dizendo para a população que formação em conhecimento, ciência e tecnologia não é importante, nós estaremos fazendo os nossos jovens não se interessarem por uma formação superior.

Finalizo com um mantra que eu tenho na minha vida.



Como eu sou física teórica, adoro contradizer cientistas sociais. O Renato deve receber isso como uma pequena espetada. Max Weber, um cientista social famosíssimo, dizia que a sociedade só reconhece três formas de autoridade, a autoridade dos anciões, a autoridade legal e a autoridade carismática. E ele era até ingênuo, porque achava que a autoridade carismática iria desaparecer com o tempo. Coitadinho! Não desapareceu com o tempo. Eu provoco dizendo que está na hora de o mundo reconhecer a autoridade do conhecimento.

Muita gente diz que gosta da ciência, que acredita na ciência, mas eu só acredito que alguém confia — eu não uso a palavra fé — na autoridade do conhecimento no momento em que essa pessoa deixa de fazer algo que gosta ou tem vontade de fazer ou deixa de acreditar em algo em que acreditava porque o conhecimento disse que aquela coisa estava equivocada. Essa é a provocação que eu faço para finalizar. No dia em que algum cientista ou a ciência disser que é preciso se vacinar, e aquela pessoa que não gosta de vacina for lá e se vacinar, porque o conhecimento disse que ela tinha que fazer isso, ou a pessoa que fumava parar porque o conhecimento disse que isso fazia mal para a saúde, eu realmente acreditarei que essa pessoa confia na autoridade do conhecimento.

Brigo por três coisas: para aumentar o financiamento da ciência, para ampliar a divulgação do que nós fazemos, curricularizando os nossos grandes cientistas e as nossas grandes cientistas, e, finalmente, para construir essa confiança na autoridade do conhecimento.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Agradeço à Marcia.

Passo imediatamente a palavra ao Atila Iamarino, divulgador científico.

**O SR. ATILA IAMARINO** - Bom dia a todos.

Muito obrigado pelo convite, pela confiança e pelo privilégio de dividir este espaço com tantas pessoas ilustres. Vou tentar fazer jus ao espaço que me deram, correspondendo com carisma, já que autoridade não tenho.



Eu queria muito falar sobre a importância de, junto com o financiamento da ciência, nós nos preocuparmos com a sua divulgação e com os meios onde isso é feito. Por que isso é tão diferente hoje em dia? Por que nós estamos vendo esse tipo de desistência dos jovens e essa falta de estímulo na direção deles?

Até 1 ou 2 décadas atrás, para as cientistas e os cientistas serem divulgados e reconhecidos era preciso fazerem bem o seu trabalho e contar com o papel da imprensa no sentido de buscar essas referências e fazer entrevistas. A pessoa era divulgada, tinha seu nome na TV, e se falava de tudo o que ela fazia e da importância do seu trabalho. Este é o meu papel hoje: entrevistar cientistas e falar do seu trabalho, do que fazem, na imprensa, na TV, num canal de TV.

Mas, com a mudança das redes sociais e do nosso consumo de informação, a referência que as pessoas têm, especialmente nos segmentos mais jovens da população, é muito diferente. Hoje em dia, a maior parte do consumo de informação, de notícias e de ciência entre os mais jovens se dá pela Internet. E, na Internet, o regime é muito diferente. É uma busca ativa das pessoas que traz a informação. Além disso, há algoritmos curando o que é apresentado, e nós recebemos só o que é mais apelativo, o que gera mais cliques, o que é mais emocionante. Isso favorece a distorção de informações em muitos momentos.

Tem que haver um trabalho ativo de quem participa. Esses meios não vão buscar a pessoa no seu laboratório, pelo seu currículo, para perguntar o que ela faz. Esses meios dependem de um papel muito mais ativo das pessoas para chegar à população. Feliz ou infelizmente, nós caminhamos para uma situação em que cientistas têm que ter um papel muito mais ativo para chegar à população e ser reconhecidos, como acontecia antes com a imprensa, com os órgãos oficiais, com os profissionais, por conta dessa mudança de espaço.

Aqui no Brasil, essa mudança é ainda mais aguda. O Brasil é um dos países que mais cedo começou a consumir notícias pela Internet, pelo celular, principalmente em vídeo, em áudio. Isso tem a ver com nossas preferências sociais e também com os índices de alfabetização e leitura das pessoas. E cientistas estão



muito acostumados a falar pelo meio escrito, com informação muito mais cifrada do que normalmente acontece.

Na falta de estímulo profissional, de cobrança e de incentivo nessa direção, enquanto os cientistas só forem avaliados pelas suas publicações e pelo número de alunos orientados, quem se dispõe a fazer divulgação está fazendo em detrimento de outra produtividade que poderia ter na sua carreira.

Eu vivo isso diariamente, procuro pessoas o tempo todo para entrevistar. Muitas vezes, quando elas fazem isso, estão fazendo como um favor e não porque vão ser reconhecidas ou mais bem avaliadas na próxima comissão, nem mesmo na próxima progressão de carreira, por conta de quantas pessoas elas atingiram com o trabalho delas. Assim, temos um sistema de incentivo que favorece que cientistas fiquem cada vez mais no seu canto, fazendo o seu trabalho, sem “perder tempo” com a promoção desse trabalho para o grande público. Não temos órgãos que façam a promoção para o grande público.

Entre os jovens, isso é ainda mais agudo, principalmente porque acontece uma transição muito forte para as redes sociais como fonte de informação. A geração mais nova, com menos de 19 anos, nos Estados Unidos, já usa mais o TikTok em particular como seu buscador de notícias. Eles não estão mais buscando informações no meio escrito, nem mesmo no Google, que é a ferramenta de busca mais famosa. Em vez disso, estão buscando vídeos no TikTok para se informar. Definitivamente, nós não estamos nesse espaço em termo de divulgação científica, menos ainda dentro da academia.

Aqui no Brasil, durante a pandemia, com um sistema bem perverso, vimos como o consumo de informação pode ser subvertido. Enquanto no mundo inteiro as autoridades estavam tentando convencer as pessoas a se vacinar, pois havia uma grande resistência por parte da população devido aos históricos culturais de não se vacinar, aqui no Brasil vimos o contrário: as pessoas buscavam as vacinas enquanto autoridades questionavam a segurança delas em público e nas redes sociais, fazendo um trabalho extremamente bem financiado, bem alinhado e bem



trabalhado, com o apoio de perfis de influenciadores populares na Internet, que faziam conteúdo falso e promoviam desinformações contra as vacinas, e isso foi se espalhando entre a população.

Vemos a vacinação da COVID caindo com o tempo, criando bolsões no Brasil, nos locais em que as pessoas não se vacinaram. Agora, vemos os índices de vacinação em geral caindo, além da queda de confiança e da informação das pessoas. Tudo isso ocorreu por falta de uma campanha de comunicação do mesmo tipo: bem planejada, bem financiada, gerida por instituições sérias, promovendo a vacinação nos mesmos meios; por falta de punição aos profissionais que usaram essas redes sociais para promover desinformação, especialmente profissionais da saúde e cientistas, que são as figuras mais reconhecidas como autoridades no Brasil.

O índice de confiança medido pelo Centro de Gestão de Estudos Estratégicos indica que profissionais da saúde e cientistas de órgãos públicos estão entre aqueles que recebem mais confiança da população e menos desconfiança. Então, existe um potencial enorme a ser explorado com divulgação, mas também existe um risco enorme de estrago quando esses profissionais promovem desinformação para as pessoas. Com isso, deixamos passar uma oportunidade muito grande de informar a população e de garantir um orçamento para a ciência que a população defenda, valorize e entenda o seu motivo.

Um exemplo de boa comunicação que eu sempre ouço as pessoas darem é o da NASA, nos Estados Unidos. Muitas vezes vemos cientistas falando que o seu trabalho é legal, mas não é um trabalho parecido com o que a NASA faz. Mas o que ignoramos é que essa fama que a NASA tem é muito bem construída, muito bem planejada e financiada como estratégia de comunicação.

Para dar o exemplo das redes sociais, segundo disse a própria responsável pelas redes sociais da NASA, em comunicação pessoal comigo, essa é a segunda maior prioridade deles, logo atrás da pesquisa. Então, esse é um item de primeira importância em orçamento, ocupação, pessoas dedicadas e treinamento de



profissionais. Quando um pesquisador vai trabalhar na NASA, parte da sua formação profissional é em comunicação. Eles têm estratégias, indicações e uma série de treinamentos para essas pessoas poderem se comunicar com o público. São mais de dez profissionais dedicados a manter cerca de 700 perfis em 14 plataformas de redes sociais. A NASA só não está no TikTok, pois, por uma estratégia do Governo americano, o aplicativo não pode ser usado.

Há mais de 200 milhões de seguidores ao redor do mundo que acompanham as redes sociais e recebem informações da NASA constantemente. Tudo isso é feito com treinamento, estratégia, interações com celebridades, participações em filmes e séries. A consultoria é robusta, com o objetivo de manter uma imagem muito boa e positiva da agência. Eles têm um orçamento anual garantido para comunicação. Caso esse orçamento seja alterado, a população irá buscar saber o porquê, já que defende sua manutenção.

Eles ainda produzem desafios com o público, usam o bom humor e uma série de outras estratégias nas redes sociais, algo a que não damos valor, porque não diz respeito à nossa avaliação profissional e não faz parte da estratégia de financiamento da pesquisa do País, pelo menos não formalmente, não institucionalmente, não em larga escala.

Nós não sabemos construir e manter comunidades que valorizam a ciência, as quais foram importantíssimas durante a pandemia. Nós perdemos uma chance enorme de as pessoas saírem da pandemia conhecendo mais instituições do que somente o Butantan e a FIOCRUZ, e sabendo o nome das vacinas. Hoje as pessoas conhecem muito bem e respeitam essas instituições. Os senhores podem ter certeza de que na próxima pandemia as pessoas vão olhar para a FIOCRUZ e para o Butantan esperando que as soluções partam de lá. Elas vão entender que é preciso priorizar o financiamento para a área.

Dependendo de como a pandemia tivesse acontecido no Brasil, as pessoas poderiam sair sem essa impressão positiva sobre as instituições, e que se deveria financiar o Exército para produzir cloroquina, em vez de se financiar a pesquisa nas



universidades públicas para poder salvar a população de alguma emergência de saúde. Então, por muito pouco não se perdeu essa confiança e não se seguiu por outro rumo na pesquisa e no desenvolvimento do País. Isso não aconteceu por falta de aviso nem por ausência de visibilidade sobre o que estava acontecendo, mas faltou muita estratégia na comunicação com as pessoas nesses meios.

Essa pode ser parte da estratégia de carreira dos cientistas, uma vez que há várias métricas diferentes para avaliar a produção acadêmica, como citação em artigos, em documentos oficiais, em normas regulatórias, em artigos de jornais, em revistas e outras fontes. Tudo isso pode fazer parte do currículo dos cientistas e também compor a progressão de carreira na pesquisa, o que seriam ótimos incentivos para haver comunicação nesses meios.

A população é ávida por informação, mas carente de informação desse meio. A desinformação está sendo muito bem financiada e propagada por aí, mas temos poucas estratégias institucionais no Brasil que valorizem ou fomentem o uso desses meios para a promoção de informação de base sólida, como contar histórias como a de Johanna Döbereiner. São histórias fantásticas e que ajudariam muita gente a ter muito mais reconhecimento público.

Eu quero ser breve. Advogo a causa da divulgação na Internet, algo que eu faço e vejo como algo fundamental. Isso tem feito muita falta.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, Sr. Atila.

Tem a palavra a Profa. Roseli Lopes, Vice-Diretora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

**A SRA. ROSELI LOPES** - Bom dia, Deputado Izalci.

Gostaria de agradecer a V.Exa. o convite e dizer que é uma honra estar neste plenário junto com as personalidades que foram convidadas. Agradeço a todos.

Quero começar a minha fala, que se complementa com o que foi dito pelos colegas anteriores, em defesa de programas articulados entre o Ministério da Educação, a CAPES, o MCTI e o CNPq, todos voltados para a educação e o desenvolvimento de talentos.



Nas falas anteriores e em vários diagnósticos já feitos pela FAPESP, pelo MCTI, pela própria 3M, que está hoje conosco, tanto por entidades nacionais quanto internacionais, comprova-se que ciência, tecnologia e inovação são fundamentais para conseguirmos um desenvolvimento econômico e social sustentável.

Uma vez que identificamos que a nossa população não se sente protagonista em relação à ciência, à tecnologia e à inovação, o meu foco é justamente trabalhar nas bases, neste mundo mais conectado, em que se cria o risco de a população não preparada utilizar todos esses mecanismos de comunicação não em seu benefício, mas para ser mais manipulada do que já era, por meio de informações incorretas.

Então, é absolutamente vital investirmos em educação desde o berçário, para induzirmos e desenvolvermos talentos. Não é só uma questão de cobrir as deficiências, mas também de não podermos desperdiçar absolutamente nenhum talento. A diversidade é fundamental. Então, em um país de dimensões continentais, com uma diversidade como a que nós temos, temos que jogar esse tipo de trabalho para cada uma das nossas escolas, em todo o território, para nos sentirmos parte dessa construção de conhecimento. Assim, os jovens também podem participar do desenvolvimento de soluções tecnológicas e criar essa cultura de que podem fazer parte de algo, valorizando a nossa ciência e tecnologia, porque sabemos muito pouco. Hoje em dia, se perguntarmos, na maioria das escolas, mesmo para alguns professores, quem são os cientistas e tecnólogos brasileiros importantes, provavelmente serão citados nomes estrangeiros, e não brasileiros.

O Atila mencionou a NASA. Isso é importante, eu sou engenheira. A NASA tem um indicador importante, o TRL, com escala que vai de 1 a 9. Começamos em ciência básica e vamos até a sociedade, porque para chegar a produtos há nove níveis de desenvolvimento. Então, com os centros de pesquisa avançados das universidades, graças a um esforço muito grande de pessoas que construíram a SBPC, e, a partir daí, geraram políticas públicas, o Brasil está bem posicionado. Poderíamos estar melhores, lógico, mas estamos em 12º, 13º, nos *rankings* de



geração de conhecimento. Quando observamos o nosso *ranking* de inovação, ou seja, como se translada esse conhecimento para gerar produtos e serviços pelas empresas brasileiras, estamos na 60ª posição. Isso realmente não corresponde ao que temos.

Precisamos realmente de uma política de Estado continuada, de investimento contínuo em ciência básica, que, no caso, é em longo prazo. Algo que descobrimos hoje pode se tornar uma aplicação muitos anos depois, mas há um buraco no meio. As etapas intermediárias que conectam esses centros avançados e geradores de conhecimento precisam estar conectados com as empresas. Esses estágios não podem ser descontinuados. São políticas de longo e médio prazos que fazem essa conexão de investimentos estratégicos. Eu vou mostrar rapidamente para os senhores um exemplo de trabalho que estamos desenvolvendo. Por algum tempo, contamos fortemente com apoio para estruturar uma rede, só que depois isso foi diminuindo.

Vou dar o exemplo de uma estratégia utilizada com poucos recursos, para conseguirmos trabalhar com abrangência e excelência para disseminar a cultura de que se pode ser cientista, sim. Eu posso ter alguém que vai gerar inovação.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Há 21 anos trabalhamos e geramos uma rede de parceiros. São mais de 200 feiras filiadas. Entendemos que, para se chegar à inovação, devemos estimular a criatividade desde o berçário. Precisamos trabalhar fortemente na escola com a postura ativa do aluno, para que ele fique curioso e vá à Internet procurar informações qualificadas e ter senso crítico, e construir um futuro na área de ciências, tecnologia, engenharia, artes e matemática.

Criamos a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia na Universidade de São Paulo até pelo valor simbólico, para ela induzir esse movimento nas outras instituições parceiras e valorizar os profissionais das universidades e das instituições de pesquisa que se dedicam a essa comunicação estratégica, a esse tipo de trabalho de estar mais próximo das escolas.



A FEBRACE não é simplesmente uma feira, mas um programa voltado à indução e ao desenvolvimento de talentos em ciências e engenharia que estimula a cultura científica, o saber investigativo, a inovação e o empreendedorismo, mas empreendedorismo de base profunda científica e tecnológica.

A FEBRACE começou selecionando jovens de todo o Brasil que fizessem projetos realmente investigativos, com as perguntas que eles queriam responder ou soluções de problemas relevantes para eles. Eles têm essa liberdade para escolher. O professor orienta, mas a autoria do projeto tem que ser dos alunos.

Ao longo do tempo, criamos mecanismos de submissão direta, para qualquer estudante do Brasil, em determinada faixa etária — e fizemos o recorte dos 12 anos até os 20 anos. Os Municípios incentivam a participação de crianças menores, mas para viajar e participar de competições é considerada essa outra faixa etária.

Trabalhamos fortemente com a documentação de tudo o que acontece. Geramos cursos *on-line*, webséries e podcasts. Trabalhamos com todas as mídias possíveis, televisão, redes sociais, para que possamos despertar os jovens na ponta e os professores para um trabalho diferente, em que se coloca o aluno como autor, e não simplesmente um aluno fica recebendo informações que ele não sabe para que serve.

Ao longo desses anos, recebemos estudantes finalistas, na mostra anual de São Paulo, de mais de 1.300 cidades das 27 Unidades da Federação, de escolas públicas e privadas de todo o País, com todos os perfis, inclusive escolas rurais, porque adotamos estratégias de excelência, mas com abrangência.

Recentemente, realizamos uma avaliação analítica de todos os dados coletados ao longo desses 21 anos, para entendermos o que está acontecendo, como quais temas esses estudantes estão explorando em seus projetos. Os jovens escolhem o tipo de problema que eles vão investigar. A partir daí, queremos saber como isso varia em função do tipo ou do contexto da escola, da região geográfica etc.



Publicamos um artigo em que estão registradas todas essas informações. Por exemplo, segundo uma base de dados de 5.296 projetos, com a ajuda da inteligência artificial, fizemos o agrupamento por tópicos, e chegamos a 72 grupos. Nesses 72 grupos, analisamos como eles se vinculam aos ODS. Fizemos um levantamento da percepção desses jovens para considerarmos quais são seus problemas e os temas mais relevantes.

Quanto aos recursos hídricos, observem o tipo de projetos existente. Por exemplo, em 2021, uma escola pública do Mato Grosso investigou os impactos de acesso desigual à água potável. É um projeto na área de planejamento urbano. Em 2007, uma escola pública da Bahia tratou do uso de aguapés para a purificação da água, projeto enquadrado em biologia, e uma escola particular de São Paulo, de um sistema de alerta para casos de enchentes de rio. Vejam que os alunos se preocupam com questões muito diferentes.

Identificamos vários tópicos, e alguns são mais recorrentes, mas temos como temas que têm sido abordados pelos estudantes a violência contra mulheres, política, cultura afro, entre outros.

Nós fizemos também uma análise ao longo do tempo e verificamos que esses temas vão variando. Quais são os temas que estão sendo mais explorados pelos jovens? Com esses dados, podemos, inclusive, induzir o que achamos que seja importante. Então, com o Ministério, podemos desenvolver ações estratégicas. Sistemáticas que sejam importantes seriam estimuladas e poderíamos criar um prêmio regional.

É muito importante ver o que vem da escola, qual é a percepção dos jovens, quais são os problemas, e, ao mesmo tempo, haver políticas estratégicas que possam financiar projetos e talentos nessas regiões.

Aqui fizemos uma análise de toda essa base de dados em relação a regiões geográficas. Há vários outros recortes que não vou passar aos senhores, mas temos feito esse tipo de trabalho analítico justamente para podermos trabalhar com



uma comunicação estratégica e conseguirmos induzir a diversidade, a qualidade, a abrangência e a excelência que precisamos.

Fizemos um mapeamento com os ODS. Nós vimos que alguns dos objetivos, como saúde e bem-estar, educação de qualidade, entre outros, têm sido exploradas pelos alunos, mas outros nem tanto. Podemos criar estratégias para que eles também percebam que essas outras áreas são absolutamente fundamentais.

Então, voltando à nossa estratégia, como conseguiremos ter um círculo virtuoso, coletando materiais e dando visibilidade ao trabalho que está sendo feito nas escolas? Para isso, é absolutamente fundamental que continuemos investindo em políticas integradas de longo prazo que sejam coordenadas pelo MEC, pelo MCTI, pela CAPES, pelo CNPq, por empresas e entidades parceiras. As coisas não acontecem por acaso e temos que andar mais rapidamente do que andávamos antes.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, Profa. Roseli Lopes.

Passo a palavra à Sra. Helena Bonciani Nader, Presidente da Academia Brasileira de Ciências e ex-Presidente da SBPC.

**A SRA. HELENA BONCIANI NADER** - Bom dia a todos.

Senador Izalci Lucas, começo pelo senhor, agradecendo-lhe mais uma vez. Tenho a honra de conhecer, embora residente em São Paulo, o seu trabalho, no Distrito Federal, como Deputado e, depois, como Senador. O senhor foi incrível conosco no Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação, sendo, inclusive, o Relator da matéria. Nunca vou esquecer sua dedicação. Eu até brinco que não voto no senhor por problema de residência. Se dependesse das audiências públicas que o senhor organizou, nós estaríamos com tudo resolvido com relação à educação e à ciência no Brasil.

Falar depois da minha querida amiga Marcia, do Atila e da Roseli facilita muito o meu papel. Não vou ser repetitiva. Eu sou uma pessoa muito otimista, mas hoje



estou muito pessimista, e vou dizer o porquê. Eu acho que a comunicação não é com a sociedade. Está certo que o Congresso é um reflexo da sociedade, já que todos que estão aí, Deputados e Senadores, não puseram o “pé na porta”, mas foram eleitos por um modelo que eu vou continuar defendendo sempre, a democracia.

Eu vejo, mas não acho que vá acontecer: ou teremos uma reforma política de fato neste País ou vamos continuar reféns de projetos que não são nacionais. Eu tinha que falar isso, senão estaria traindo a mim mesma e a sua confiança.

Por que eu estou falando isso? Porque o Senado percebeu a importância da ciência. O Senado colocou a ciência fora do ajuste fiscal. Não vou entrar na parte racional, mas a Câmara, não por falta de termos alertado, votou contra. Então, qual é o diálogo que estamos tendo com os nossos representantes? Ao votar em um Deputado ou em uma Deputada, estamos dando autorização para eles falarem em nosso nome.

Nós temos que educar o povo brasileiro para que eles entendam o que significa o voto. O voto é uma procuração. Por isso eu falei sobre a reforma política. Os Estados Unidos são muito citados. Eu já morei lá muitas vezes, nunca fui paga com recursos brasileiros, sempre fui paga com recursos americanos. Lá, eles têm o voto distrital. Lá, o Vereador, o Deputado Estadual, o Deputado da Câmara Federal sabem que, se não agirem de acordo com aquilo que eles disseram ser a ideologia deles, não vão ser reeleitos. Eu precisava trazer essas informações como complemento.

A falta de percepção começa na Câmara, de verdade. Eu não sei mais o que fazer. Na época, nós procuramos a Deputada Luisa Canziani. Ela foi incrível, pois ela percebeu, mas não convenceu. Então, nós perdemos. Nós, não, a ciência, o povo brasileiro, a Nação brasileira.

Eu me emocionei anteontem vendo todas as crianças na Índia assistindo ao pouso na Lua. O Brasil está cortando financiamento em satélites. O Brasil privatizou



Alcântara para o Governo americano. O Brasil está abrindo mão de ser. Isso é o Governo brasileiro, não é a ciência brasileira.

A Marcia citou o CNPEM, e eu vou trazer alguns impactos econômicos da construção dos Sírios: a firma que construiu o prédio está sendo chamada no mundo inteiro devido à tecnologia que ela desenvolveu, porque aquele concreto não pode tremer. A Roseli é engenheira e sabe muito mais sobre isso.

Quando eu era do Conselho do CNPEM, a WEG, indústria que está em mais de cem países, usava o espaço físico do CNPEM. Essa empresa desenvolveu imãs que estão sendo usados para a construção de outras máquinas no mundo inteiro, não só de luz síncrotron.

A Marcia citou a Johanna Döbereiner, e eu vou trazer um nome de que sempre me lembro: Sérgio Ferreira. Ele deveria ter ganhado o prêmio Nobel, mas foi “garfado”, foi roubado, desculpem-me o vocabulário. O Captopril, que todo mundo toma, é um remédio brasileiro. Então, temos contribuições fora do comum.

A EMBRAER está agora sofrendo pressões, e o Governo tem que tomar uma providência sobre a fuga dos cérebros da EMBRAER por contratos. Eu estou muito preocupada. Eu tenho 75 anos, diferentemente da Marcia. Mas eu estou comentando isso pelo seguinte: eu tenho pouco tempo de vida, mas eu vou continuar lutando pelos jovens, pelas crianças que estão aí e precisam deste País soberano. O Brasil está abrindo mão da sua soberania. Ao abrir mão da ciência, abriu mão da soberania.

Não vai ter mais EMBRAER no Brasil; não vai ter mais PETROBRAS no Brasil; não vai ter mais EMBRAPA no Brasil. É isso o que eu quero trazer. Não é só o cientista que tem que dialogar. O cientista não está tendo recursos para pagar sua publicação, não tem recurso para pagar alguém para cuidar da sua mídia social, como a NASA faz. Eu não consigo fazer mídia social. Eu não sei fazer isso. O jovem tem que ser treinado, mas o que mais se vai querer do cientista, do professor, do pesquisador?



Essas grandes instituições do exterior têm pessoas dedicadas a isso. Agora, sem recursos e com os cortes que foram feitos, Senador Izalci, eu estou mais preocupada ainda. Todo mundo diz: *“Não, Helena, não vai ter esse problema”*. Eu não entendo o gatilho, mas eu vejo que a Lei Complementar nº 177 está ameaçada, porque, no gatilho, o não-reembolsável vai ser contingenciado por causa do argumento do não estouro do teto. Eu quero lhe agradecer, agradecer ao Senado, mas ao mesmo tempo eu quero lamentar profundamente a falta de compreensão dos Deputados que votaram contra o Brasil. Nenhum de nós estava pedindo aumento de salário. Nenhum de nós estava pedindo para diminuir jornada de trabalho. Ao contrário, estávamos pedindo pelo povo brasileiro.

Mas, infelizmente, e de uma forma que eu vejo irreversível, o Brasil saiu mais pobre na última terça-feira, num mundo globalizado, onde a Índia, que estava muito atrás de nós, hoje é sexta economia do mundo. A Coreia e a China, que estavam muito atrás de nós há 40 anos, 50 anos, vejam aonde elas chegaram hoje. Isso não aconteceu por acaso, foi por uma decisão em favor de educação e ciência. Quando eu falo em ciência, tecnologia e inovação para essa cadeia... O senhor lembra quando eu criei um mote. Eu vou continuar falando isto: educação e ciência não são gastos, são investimentos. Em nenhum lugar do mundo se chamam gastos, exceto no Brasil. Curiosamente, o Brasil chama jogar na Bolsa de Valores de "investir" na Bolsa. Então, isso nos dá a dimensão.

Um país que tem os cinco maiores bancos do mundo entre dez tem que parar para pensar o que ele quer ser não quando crescer, porque 523 anos já se passaram, mas o que ele quer ser para sobreviver, porque a agricultura, que era a nossa força maior, está sendo substituída pela de outros países, que também aprenderam com tudo o que a EMBRAPA desenvolveu.

Muito obrigada.

Desculpe-me a tristeza, mas assim como eu lhe agradeço, eu tenho que comentar o que eu lamento.

Do fundo do coração, muito obrigada.



**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, Helena.

Eu endosso totalmente a sua fala, porque, de fato, por mais que o Senado tenha trabalhado e mudado o texto, retirado ciência e tecnologia do texto, do arcabouço, lamentavelmente não foi aprovado na Câmara.

Nos comentários finais falaremos mais um pouco sobre isso.

Agradeço à Helena.

Eu vou passar imediatamente a palavra ao Renato Janine Ribeiro, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que, inclusive, foi nosso Ministro.

Com a palavra o Sr. Renato Janine.

**O SR. RENATO JANINE RIBEIRO** - Bom dia, Senador.

Vou ter que ser muito rápido. Como avisou a minha secretária, a nossa querida Eunicinha, eu tenho outro compromisso às 11 horas. Então, minha presença dá para ir somente até as 10h45min.

Eu tive a oportunidade de ouvir colocações muito boas. Endosso todas as palavras da Profa. Helena e de todas as outras pessoas. Só não concordo com a Helena quando ela disse que não tem muita duração de vida ainda. Eu não acredito, não aceito, não concordo, eu sou contra essa sua afirmação.

Mas eu direi rapidamente o seguinte. Primeiro de tudo, temos que deixar muito claro que ninguém de nós podia imaginar que, na terceira década do século XXI, nós teríamos tanta gente questionando verdades científicas básicas, até mesmo afirmando que a Terra é plana. É o negacionismo, como se chama. Pessoas negam fatos básicos atestados pela ciência, pelo jornalismo.

É interessante e ao mesmo tempo muito preocupante notar que o ódio dos negacionistas se dirige sobretudo à ciência e à imprensa. A ciência lida com a verdade dos fenômenos, e a imprensa lida com a verdade dos fatos. E as duas, claro, são falíveis e corrigem-se o tempo todo. A ciência é um trabalho de autocorreção constante. Não se trata de afirmar que tal tese estava errada, mas de torná-la mais precisa, mais exata. Por exemplo, não é que a água não ferva a 100



graus, mas ela ferve a 100 graus em determinadas condições, o que não quer dizer que ela vá ferver a 50 graus ou a 200 graus.

Isso tudo são conquistas importantes, e o custo de não ter sido respeitada a ciência o Brasil pagou com 500 mil mortes por COVID acima da média mundial. Considerando que a doença matou 7 milhões de pessoas no mundo, numa população de 8 bilhões, a média foi de um pouco menos de 1 por mil. No Brasil, foi de 13,5 por mil. Poderiam ter morrido no País, se seguida a média mundial, algo como 190 mil pessoas, mas morreram mais de 700 mil. São 510 mil mortes na conta do negacionismo, na conta da campanha que alguns fizeram a favor da doença, e não a favor da vida.

É uma coisa que não podemos deixar ignorada. Não se trata de querer vingança, de querer revanchismo, mas de coibir doravante esse tipo de conduta que mata gente, que matou muita gente. Não fosse a ciência, não teríamos desenvolvido a vacina contra a COVID e talvez estivéssemos na situação de 1 século atrás, quando já se sabia que a origem de doenças graves assim estava em vírus, mas, mesmo assim, a gripe dita espanhola matou de 3% a 5% da população mundial. Se fossem 3%, que é o dado baixo, teriam morrido no mundo agora 240 milhões de pessoas. São números importantes: 233 milhões de vidas salvas pelo avanço da ciência no último século e 510 mil vidas perdidas devido ao negacionismo. Isso é muito importante.

Parte da população, nas pesquisas feitas, declara sua confiança na ciência. É um aspecto muito bom, mas nós temos que ampliar isso, Senador e caros colegas, e fazer que, enfim, a crença vaga na ciência se traduza realmente num letramento científico. A ideia de alfabetização, quando eu era criança, era saber ler e escrever. Hoje inclui as operações aritméticas. Nós temos que entender que uma alfabetização ou um letramento científico tem que ser algo que inclua um conhecimento básico das ciências — química, física, biologia — e também história, geografia, sociologia e filosofia, e não apenas a matemática e o português. Sem



esse conhecimento, as pessoas ficam limitadas na sua capacidade de atuar sobre o mundo.

Acho que esses são alguns pontos básicos.

Infelizmente, tenho que me retirar, mas agradeço a oportunidade, Senador. O diálogo com o senhor sempre foi muito franco, muito frutífero. Estamos do mesmo lado na defesa da ciência pela qual o senhor tem se batido e na qual a comunidade está muito empenhada.

Muito obrigado a todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, Prof. Janine. Eu passo imediatamente a palavra ao Sr. Paulo Roberto Gandolfi, Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento para a América Latina da 3M do Brasil.

**O SR. PAULO ROBERTO GANDOLFI** - Podem me ouvir? Podem ver a minha tela?

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Sim, estamos acompanhando.

**O SR. PAULO ROBERTO GANDOLFI** - Perfeito!

Antes de mais nada, bom dia a todos.

Queria agradecer imensamente o convite à Exma. Sra. Senadora Daniella Ribeiro, ao Presidente da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, e ao Sr. Senador Izalci Lucas — já nos conhecemos há algum tempo —, autor do requerimento, subscrito pelo Deputado Daniel Almeida. Cumprimento todos os demais presentes. É uma honra estar aqui hoje falando com vocês para apresentar um pouquinho do que temos feito na 3M.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Eu sou atualmente, como o Senador já mencionou, Diretor de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação para a América Latina da 3M. Sou também Vice-Presidente do Conselho de Administração da ANPEI e Presidente do Instituto 3M de Inovação Social. Cito isso porque a Profa. Roseli é uma grande parceira do Instituto 3M. Temos essa parceria com o LSI-TEC e a Poli-USP, de São Paulo, no



Programa Desafio de Inovação, que acaba na maior mostra interna de ciência, tecnologia e inovação para o interior do Estado de São Paulo. É uma das portas para a FEBRACE, que nós também patrocinamos.

Estou muito feliz de estar no meio de tantos professores. Eu sou filho de professor e já fui professor por um tempinho. Hoje sou executivo do mundo privado, mas não menos interessado nesta pauta.

Antes de entrar propriamente no tema da audiência, eu vou falar rapidamente sobre a 3M, uma empresa de ciência aplicada à vida. Nós estamos no Brasil há 77 anos. Somos a primeira subsidiária da 3M fora dos Estados Unidos, o que é uma honra para nós. Eu estou lá um terço desse tempo, ou seja, 26 anos. Então, é uma empresa que ainda tem muitas carreiras românticas, assim podemos dizer. Temos quatro plantas no País, e 70% das nossas vendas são de produtos manufaturados localmente. Nós acreditamos no desenvolvimento nacional e nas potências deste País.

Outra questão que eu queria destacar é o nosso pilar ético. Nós agimos com muita transparência e integridade em tudo o que fazemos, e, por isso, somos reconhecidos no Brasil desde 2012 como uma das empresas com o selo pró-ética da CGU. A cada ano fica mais difícil manter esse selo, porque a comissão gestora coloca cada vez mais requisitos, o que é ótimo. E nós continuamos lá firmes e fortes.

Inovação e sustentabilidade também fazem parte do DNA da empresa. Nós temos hoje uma equipe de vários cientistas no Brasil e mais de 55 mil produtos no mundo, o que nos permite dizer que dificilmente vocês estão a mais de 3 metros de um produto da 3M, isso se ele não estiver dentro da sua boca. Ciência, tecnologia e inovação, para nós, têm o propósito muito claro de libertar o poder das pessoas para inspirar e inovar, melhorando a vida de todos. É a ciência aplicada à vida, como nós falamos aqui dentro.

Esse conjunto de valores move a empresa e nos permite produzir diversos estudos relacionados à importância da ciência. O mais recente deles é este que está na tela. Chama-se *3M Forward: O Futuro Hoje*. Fundamentalmente, busca



olhar como inovações baseadas em ciência de materiais em escala podem nos ajudar a enfrentar desafios globais e ajudar a construir um futuro melhor.

O produto dessa pesquisa apresenta percepções de cientistas, engenheiros, especialistas da 3M, bem como da população de 17 países ao redor do mundo sobre a ciência. No Brasil, foram entrevistadas mais de mil pessoas, com representatividade total da população brasileira. Há representatividade estatística. Tem base científica e estatística. Foi feito entre setembro e dezembro de 2022.

Ele está dividido em três grandes categorias. Todos os dados desse estudo são públicos, já estão disponíveis na Internet. Os senhores podem acessá-los, pois eles podem ajudar a fundamentar políticas públicas. Ele está dividido em três grandes temas: mudanças climáticas e escassez de recursos; convergência do mundo físico e digital — a que muitos chamam de "figital"; e mudanças demográficas e sociais.

Como eu não tenho muito tempo aqui, vou falar sobre mudanças climáticas e escassez de recursos.

Neste eslaide fica claro, a pesquisa mostra, que a grande maioria dos brasileiros está preocupada com questões ambientais: 86% dizem que estão mais preocupados com as mudanças climáticas hoje do que no passado; 77% acreditam que essas mudanças climáticas são reais e irão afetá-los pessoalmente. Esse dado é interessante, porque ele contrapõe uma percepção equivocada de que questões ambientais estão distantes da população. Não estão.

A boa notícia é que nove entre cada dez brasileiros acreditam que a ciência pode ajudar a minimizar os efeitos negativos dessas mudanças climáticas. Estamos empenhados em causar um impacto positivo, por meio das operações, dos produtos, das parcerias para fim de acelerar soluções baseadas na ciência em áreas críticas, para descarbonização da economia, geração e consumo de energia limpa, transporte público e privado mais sustentáveis em uma economia mais circular.



Na verdade, somos pioneiros em iniciativas de ecoeficiência, desde a década de 70. Já contemplamos um portfólio que busca criar residências, empresas com eficiência energética. Também buscamos reduzir o uso de matérias-primas e o desperdício nas nossas fábricas. Além disso, buscamos operações manufatureiras que sejam mais circulares, com redução e substituição do uso do plástico e, principalmente, o uso de sistemas produtivos mais sustentáveis.

Então, já temos alguns exemplos de compromisso de uso de energia renovável em nossas fábricas. Desde 2013, 100% da nossa energia vêm de fontes renováveis. O plano da empresa é reduzir significativamente o consumo de materiais plásticos principalmente para embalagens, até 2025. E aí temos progressivamente *targets*, objetivos, cada vez mais agressivos em relação a isso. Temos parcerias externas com o Plastic Bank, por exemplo, com 300 coletores de plásticos em comunidades costeiras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Temos uma participação muito ativa junto ao Programa Recupera, da PRAGMA, e o Programa Mãos pro Futuro, que começou com a ABIHPEC e hoje é operacionalizado pela ABIPLA e pela ABIMAPI. Eles buscam viabilizar a reciclagem de embalagens pós-consumo, principalmente por meio da ampliação e melhoria da coleta, triagem e beneficiamento de embalagens. Isso tem um efeito não só ambiental, mas também social, por causa de várias frentes com cooperativas de reciclagem.

Por último, no que tange à logística reversa, temos ido além do que a política nacional de resíduos sólidos preconiza. Já temos, por exemplo, um programa em parceria com a TerraCycle para a reciclagem de esponjas da Scotch Brite, aquela esponja que provavelmente vocês usam para lavar a louça em casa.

Quero terminar aqui falando algumas coisas que eu acho que vão muito ao encontro do que eu ouvi dos meus antecessores. A principal mensagem que eu gostaria de trazer hoje é que a ciência tem o potencial de solucionar esses problemas que apareceram nessa pesquisa, que são mundiais, mas que, no nível nacional, são ainda mais agudos.



Nosso estudo aponta que a sociedade brasileira entende isso, que 87% dos entrevistados acreditam que haverá consequências negativas para a sociedade se as pessoas não valorizarem a ciência. E nós precisamos continuar essa valorização da ciência, tecnologia e inovação. Eu estou completamente de acordo com a Profa. Helena e com as preocupações que ela coloca.

Nesse sentido, eu gostaria de pontuar três aspectos importantes, na visão da 3M, que estão no escopo desta Comissão, do Senado, do Congresso de uma forma geral, e da Câmara.

Primeiro, é a necessidade de ampliação do FNDCT. Reparem que eu não estou falando de manutenção. Eu estou falando de ampliação. Garantir que não haja cortes ou contingenciamento ou qualquer outro nome que se venha a dar para esse tipo de mecanismo no FNDCT é apenas o primeiro passo. O FNDCT desempenha um papel crucial no fomento à pesquisa básica, à pesquisa aplicada e à inovação no Brasil.

Para quem não conhece, o FNDCT, por meio dos recursos reembolsáveis e não reembolsáveis, apoia atividades como pesquisa básica e aplicada em instituições públicas, projetos empresariais em ciência, tecnologia e inovação, interação entre universidade e empresa, modernização da infraestrutura de CTI e do País, entre outras atividades. Esses recursos são operados pela FINEP e pelo CNPq, que eu defendo veementemente também.

Gostaria de destacar, especialmente, a necessidade de ampliação dos recursos não reembolsáveis, pois esses mitigam os riscos financeiros associados à inovação e incentivam a experimentação mais audaciosa, especialmente por parte de pequenas e médias empresas, o que promove um ecossistema mais robusto e dinâmico de pesquisa e desenvolvimento no País.

Vale dizer que é o principal mecanismo de CTI no mundo e atualmente utilizado nos Estados Unidos, na União Europeia, na China, na Coreia do Sul e Cingapura e na Índia, citado pela Profa. Helena, e em diversos outros países. Sem recursos não reembolsáveis, dificilmente conseguiremos vencer as barreiras para o



desenvolvimento tecnológico e inovação no País. Não basta apenas dinheiro privado, via *corporate ventures*, ou investimentos de risco, via *venture capital*, ou dinheiro das empresas. Precisamos desses recursos do FNDCT, reembolsáveis e principalmente não reembolsáveis.

O segundo ponto — desculpe-me por me estender, Senador, mas já estou terminando — é o aprimoramento da Lei do Bem. Novamente, eu não estou falando de manutenção da Lei do Bem. Eu estou falando das evidências sobre os impactos positivos do programa no ecossistema de inovação e na competitividade do País, que são inquestionáveis. Por isso, é importante a sua extensão, melhoria e aprimoramento. Para ser breve, vou citar apenas um dado que foi publicado no boletim produzido pela SECAP, do Ministério da Economia, em 2021. A Lei do Bem tem um efeito multiplicador de 1 para 4,8, ou seja, para cada 1 real incentivado as empresas participantes da Lei do Bem investiram outros 4,8 reais.

Diversos estudos acadêmicos que utilizam o padrão-ouro de avaliação — ciência, portanto — relatam aumento dos investimentos e da produtividade de empresas que utilizam instrumentos, e produtividade é um grande problema do nosso País. A Lei do Bem precisa estar no Orçamento de 2024 sem limitações também.

Vale ressaltar que a Lei do Bem também não é novidade no mundo. Diversos países no planeta, em especial no mundo desenvolvido, fazem uso desses mesmos mecanismos para incentivar e mitigar os riscos de pesquisas, desenvolvimento e inovação.

Por último, destaco que a importância da ciência na sociedade atual não pode ser subestimada. Entendemos que é fundamental a elevação — elevação! — constante dos investimentos em ciência e tecnologia na Lei Orçamentária Anual para impulsionar o desenvolvimento sustentável e inclusivo do País, mesmo no contexto da não exclusão, infelizmente, desses recursos dos limites de gastos do novo arcabouço fiscal, proposto no PLP 93/23, que acabou de passar pela Câmara, conforme havia sido proposto pelo Senado Federal.



Fui eu que eu escrevi isso antes de você falar, Helena. Nós já estamos superalinhados sem combinarmos.

O investimento em ciência, tecnologia e inovação deve ser visto, mais do que nada, como um contínuo, um conjunto de elementos que passa de um para o outro continuamente, sem intervalos nem interrupções, entre educação, ciência, tecnologia e inovação.

Agradeço a atenção de todos. Coloco-me à disposição para qualquer questionamento ou colaboração futura nesses temas. A equipe de Relações Governamentais da 3M enviará a vocês todo esse estudo que eu já mencionei. Contem sempre com a nossa participação para a boa formulação de boas políticas públicas voltadas à educação, ciência, tecnologia e inovação.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado.

Eu vou fazer aqui algumas considerações. Depois, nós vamos para as considerações finais.

Eu quero, primeiro, lamentar o que ocorreu na Câmara com relação à ciência e tecnologia. Nós conseguimos, no Senado Federal, retirar do texto a questão do Fundo Constitucional do Distrito Federal, que para nós é fundamental. Eu fui o Relator também lá no Senado do FUNDEB, que conseguimos também retirar do texto. Fiquei muito feliz com a inclusão, evidentemente, também no Senado, da área de ciência e tecnologia. Eu iria apresentar lá, mas o Senador Renan acabou apresentando a emenda que retira do arcabouço fiscal os recursos da ciência e tecnologia.

Sinceramente, não entendi qual foi realmente o motivo de voltar o texto do Relator que foi aprovado na Câmara. Não sei se trata de uma questão estadual. No mérito, nós discutimos aqui, e o FNDCT foi unanimidade na Câmara e no Senado. Derrubamos o veto, que voltou. O Governo fez a recomposição.

É lógico que, depois dessa tragédia que aconteceu aqui, nós teremos que trabalhar um pouco mais. O que eu percebo — daí a importância desta audiência



aqui na Comissão Mista de Orçamento — é que o investimento em ciência, tecnologia e pesquisa é de médio e longo prazo, e as pessoas muitas vezes pensam apenas na próxima eleição. Poucos pensam na próxima geração. Então, essa situação é semelhante à do saneamento. Você gasta, que dizer, investe — porque não é gasto, é investimento também — bilhões de recursos, mas fica debaixo da terra, ninguém vê. O que dá voto é aquilo que as pessoas veem de imediato. Lamentavelmente, nós vamos perdendo um pouco dos Parlamentares que se interessam pela ciência, porque ela não dá voto imediato.

Mas eu quero dar uma boa notícia aqui. Nós vamos fiscalizar e acompanhar passo a passo o FNDCT, com relação ao orçamento. Quanto à Lei do Bem, nós tínhamos dois projetos no Senado de minha autoria também, o Senador Marcos Pontes é o Relator do projeto, e quarta-feira que vem, quando eu vou presidir a Comissão, nós vamos aprovar o projeto. E aí o projeto vai para a CAE. Eu já pedi ao próprio Presidente da CCT, o Senador Carlos Viana, que fosse o Relator desse projeto na CAE.

Na mesma linha, nós temos tramitando em regime de urgência na Câmara o projeto da Deputada Luisa Canziani. Se conseguirmos aprovar na Câmara o projeto dela e o nosso lá no Senado, evidentemente facilitaremos muito as coisas para que possamos aprovar a lei ainda este ano e fazê-la vigorar já neste Orçamento. Então, a perspectiva é boa.

Agora, eu senti falta... Eu lembro, como Deputado, quando trabalhamos o tema "inovação" na Constituição, o marco regulatório de ciência e tecnologia, que havia a participação de muitas instituições, que vieram aqui em peso. Falamos com o Presidente, fomos a reuniões de Líderes, criamos uma confusão danada. A nossa querida Helena Nader se lembra disso, porque ela sempre esteve à frente de todos esses movimentos, pelo menos desde a época em que eu fui Secretário.

Eu sou contador, auditor, não sou nem especialista na área. Mas qualquer um que lida com essa área, no primeiro momento, sabe da importância disso para o desenvolvimento do País. É uma coisa tão óbvia que as pessoas acabam ficando



cegas a isso. Os exemplos dos países que investiram na ciência e na educação estão aí.

Infelizmente, no Brasil — como foi falado —, não temos política de Estado, temos política de Governo. Então, a cada Governo que entra, é uma nova história. Fazem até questão de acabar com o que foi feito nos Governos anteriores. Então, essa falta de política de Estado é o que me incomoda muito.

Foi falado aqui, com relação à eleição, que os Deputados fazem promessas e, depois, não as cumprem. Eu tenho uma PEC tramitando aqui exatamente nesse sentido. Os Governos precisam apresentar um plano de metas 90 dias após a eleição. Se os Governos, durante o mandato, não executarem aquilo que prometeram na campanha, aquilo está no plano de metas, ficam inelegíveis. Chega de tanta promessa, de mentiras! Na hora que a pessoa tem a caneta, ela não faz nada daquilo que prometeu. O tempo vai passando. A cada eleição, entra Governo, sai Governo. Muda o Governo, e as coisas continuam ou até mesmo pioram em determinados pontos.

Às vezes, não há nem condição de se fazer mobilização. Ontem mesmo, eu fiz uma sugestão à EMBRAPA. Isso pode acontecer com vocês também. Quando fui Secretário, nós tínhamos o Governo na Cidade, em que todos os Secretários ficavam o dia todo em determinados eventos. Nós tivemos o dia da ciência e tecnologia, com a participação de todos os Secretários e do Governador, quando fomos à EMBRAPA, à Universidade de Brasília, para que eles conhecessem de perto como funcionam os laboratórios.

Eu trouxe a EMBRAPA ontem aqui, e sugeri a ela que fizéssemos nos Estados esse alinhamento com o Governador e com o Secretário de Ciência e Tecnologia dos Estados e Municípios, para cobrarmos lá na ponta. Eu vejo muitas vezes as pessoas vindo a Brasília conversar com os Senadores, mas o que surte mais efeito é ir lá na ponta falar com eles. Por exemplo, vamos conversar com os Senadores de São Paulo, fazer uma reunião em São Paulo, chamar a USP, todos os institutos de pesquisa, os Deputados Federais, e vamos fazer um convencimento. Vamos



chamar também os Deputados Estaduais e os Vereadores, porque há recursos nas fundações, no orçamento municipal e no estadual.

Nós precisamos fazer uma mobilização, para que eles reconheçam o óbvio, que é exatamente o investimento. Eu fico triste, porque eu peguei uma época em que havia realmente laboratório nas escolas, havia incentivo à pesquisa. Hoje, não há recurso. Falou-se na falta de pós-graduado. Até o ano passado, o valor de uma bolsa de mestrado com dedicação exclusiva era 1.500 reais — uma coisa assim tão absurda! —, a de doutorado era 2.500 reais. Como é que a pessoa vai sobreviver com 2.500 reais? Ela não paga nem o aluguel!

Eu estou vendo aí as pessoas indo embora. Agora, não precisam nem ir embora mais, pois há a Internet. As pessoas estão trabalhando agora via Internet para empresas de outros países. E nós vamos perdendo competitividade. Vamos perdendo os jovens. Pessoas competentes, com anos e anos de estudo, estão indo embora. A Alemanha parece que está abrindo 500 mil vagas. Vão pegar todo mundo que está aqui no Brasil rapidamente.

A mesma coisa acontece com os concursos. Nós estamos com uma falta de concursos nessa área de ciência e tecnologia há anos. A EMBRAPA há 13 anos não faz concurso. As pessoas, às vezes, acham que é só pegar alguém na prateleira e substituir, esquecendo que há uma transição, importantíssima, que leva 2, 3, 4 anos. Então, nós temos que nos preparar para isso. Entretanto, por incrível que pareça, o óbvio não é reconhecido. Eu vejo, a cada ano que passa, que as pessoas se interessam menos por isso. Investem em muitas áreas que, às vezes, não têm relevância, em detrimento do principal, que é educação, ciência, tecnologia.

Então, Helena, eu também fico assim meio... Não vou dizer "desanimado", porque nós não podemos perder a esperança. Os discursos são maravilhosos! Todo mundo defende educação. Todo mundo defende tecnologia e inovação. Chega de discurso! Já estamos há muitos anos com discurso. Isso está superado. Agora, temos que trabalhar em termos de recursos para programas. Temos que colocar estrutura nas escolas. Esse é outro problema. Parece que cada Secretaria é um



Governo diferente. Imaginem se ciência e tecnologia não falam com a educação. Em alguns Estados, nem a Secretaria de Ciência e Tecnologia conversa com a Fundação de Amparo à Pesquisa! Trata-se de indicações políticas separadas. Cada um indica uma coisa. Não se falam. Não há uma integração.

Nós precisamos fazer talvez um movimento, dar uma sacudida nessa turma. É por isso que eu fiz esta audiência aqui na Comissão Mista de Orçamento, que é composta de Deputados e Senadores. Há vários Parlamentares aqui que até defendem bem essa área, mas temos que traduzir essa defesa feita por meio de discurso em recurso, em ações.

Vamos começar agora a votação da LDO, e eu já vou apresentar a emenda do não contingenciamento de recursos para essa área na LDO e, depois, na LOA. Temos que fazer esse trabalho para evitar realmente que venha novamente o contingenciamento desses recursos. Independentemente de qualquer coisa, essa área não pode ser... Como foi dito, não se trata nem de manter os recursos, mas de ampliá-los, porque normalmente os recursos são insuficientes em todas as áreas.

O objetivo da audiência foi exatamente sensibilizar a Comissão, que tem Senadores e Deputados, e colocar a ciência e tecnologia como prioridade nacional. São tantos os exemplos que existem aí.

Eu estava falando com a EMBRAPA. Nós temos tantos projetos sendo votados aqui, no caso da EMBRAPA especificamente. A SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência tem peso, tem credibilidade. Então, esses assuntos técnicos, que normalmente são complexos para muitos Parlamentares, precisam ser avaliados e subsidiados por instituições que acreditamos que têm credibilidade, para não ficarmos aqui nessa discussão partidária e ideológica. São coisas tão óbvias, mas vem a questão ideológica, e nós temos que superá-la.

Helena, é por isso que agora as Comissões vêm perdendo muita força. Como a composição das Comissões é partidária, é proporcional, surge o viés ideológico. A Comissão acaba virando discurso. O que tem funcionado bem e acho que vai prevalecer daqui para frente são as Frentes Parlamentares. Veja a FPA, que é a



Frente Parlamentar da Agropecuária, a do agro; a Frente Parlamentar de Infraestrutura Logística; a Frente Parlamentar do Comércio e Serviços, que tem subsidiado os Parlamentares e é uma frente suprapartidária. Nas reuniões, que acontecem semanalmente, dessas poucas frentes que funcionam, nós recebemos todas as pesquisas, as fundamentações, o que é pró, o que é contra, a posição do setor. Isso é mais eficiente. Acho difícil aprovar qualquer coisa hoje aqui no Congresso que não tenha passado pela Frente do agro e pela Frente do Comércio e Serviços.

Na última vez em que estive em São Paulo, pela Frente da Ciência e Tecnologia, eu participei de uma reunião da MEI, que é a Mobilização Empresarial pela Inovação. Normalmente é convidado o pessoal do Ministério da Ciência e Tecnologia, o pessoal da Indústria... Eu disse: *"Olha, a ciência e tecnologia perpassa todas as áreas, ela interage com todos"*. Poderíamos ser a frente mais importante do Congresso Nacional. Teríamos condições de trazer para essa composição praticamente todas as áreas, numa estrutura como a que foi montada por essas outras frentes. A ciência e tecnologia poderá ter um espaço muito grande, se houver, realmente, participação dessas instituições todas, inclusive das indústrias, onde tudo acontece, e do agro mesmo — as pessoas vão participar também, para fortalecermos esse segmento. Vejo que daqui para a frente vamos precisar muito de informação, de pesquisa. Por isso eu convidei a 3M. Fiz uma reunião com eles na Frente da Ciência e Tecnologia e conheci na pesquisa que eles fizeram a importância de se popularizar isso.

Na quarta-feira, vamos ver se já conseguimos aprovar na Comissão o parecer do Senador Marcos Pontes para projetos nossos que estão tramitando lá, e depois, na sequência, vamos ver se aprovamos na CAE, para podermos, concomitantemente, aprovar aqui na Câmara o projeto da Deputada Canziani, que está na linha. Fizemos esse ajuste exatamente para facilitar, para agilizar o processo.



Sem mais comentários, eu vou passar a palavra para as considerações finais, e na ordem inversa.

O Prof. Janine teve que sair. A Profa. Marcia acho que tem um compromisso. Vou passar a palavra primeiro para a Marcia, a quem agradeço a presença. *(Pausa.)*

**O SR. PAULO ROBERTO GANDOLFI** - A Marcia teve que se ausentar. Ela deixou uma mensagem no *chat*.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Está bem.

O Atila também saiu...

Então eu vou passar a palavra para a Profa. Helena, Presidente da Academia Brasileira de Ciências, uma grande lutadora pela ciência e tecnologia.

Obrigado pela presença, Helena. É um prazer revê-la. A senhora está com a palavra.

**A SRA. HELENA BONCIANI NADER** - Obrigada, Senador.

Digo de novo que para mim é uma honra estar aqui. Eu gostaria muito que o Paulo ou a Roseli compartilhasse aquele artigo. Depois me passem o *link*, porque eu achei incrível o levantamento que vocês fizeram desses mais de 20 anos da FEBRACE. Eu gostaria de compartilhar os dados do Paulo, que são muito importantes.

Estamos sempre juntos. Eu estou triste, mas não vou jogar a toalha. Vou continuar na luta, porque educação, ciência, tecnologia e inovação são fundamentais para o Brasil de que o Brasil precisa.

Fiquei muito feliz de saber, também do senhor, sobre a Lei do Bem. O Senador Marcos Pontes é o Relator. Que ela caminhe, porque a Lei do Bem teve um impacto muito grande, e ela precisa, realmente, ser revista, melhorada. Sempre podemos melhorar. O que nós não podemos é, naquilo que está funcionando, deixar cair a peteca.

E eu espero que os senhores realmente revejam a LDO, porque o orçamento previsto para o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação mal mantém as atividades que fizemos até hoje. Não há perspectiva de melhora.



Agradeço muito, mais uma vez, Senador Izalci.

Agradeço aos colegas participantes. Aprendi muito com vocês.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, professora.

Passo a palavra, para suas considerações finais, à Profa. Roseli Lopes, que é Vice-Diretora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

**A SRA. ROSELI LOPES** - Senador Izalci, em primeiro lugar, quero agradecer muito a oportunidade de estar aqui aprendendo com os colegas, como a Helena falou.

Coloco não só o meu CPF, a minha pessoa física, à disposição para a mobilização, para ajudar no que for preciso, mas também o Instituto de Estudos Avançados à disposição para aquela mobilização, para fazermos em São Paulo um evento que reúna forças, para fazermos visitas técnicas. Os brasileiros precisam saber mais, e, como disse a Helena, a Câmara dos Deputados precisa saber mais. Essa seria uma oportunidade de fazermos algum evento, de visitarmos lugares, de darmos mais visibilidade para isso. A ideia é brilhante. Estamos totalmente à disposição para ajudar.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, professora.

Passo agora a palavra para o Sr. Paulo Roberto, Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da 3M no Brasil.

**O SR. PAULO ROBERTO GANDOLFI** - Mais uma vez, eu queria agradecer a oportunidade.

Aqui me senti entre amigos. Eu e a Profa. Marcia já fomos, juntos, conselheiros do CNPEM. Então, já estive no Conselho de Administração do CNPEM. Também estive lá com a Profa. Helena, por um breve tempo. Eu a conheço desde essa época. A Profa. Roseli é parceira há mais de 10 anos do Instituto 3M. E posso dizer que também conheço o Prof. Renato. Não havíamos tido contado direto, mas somos membros associados da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC. Com o Atila também temos vasta parceria, já de longo tempo. A 3M e o Atila já fizemos vários trabalhos conjuntos. O Atila tem sido um grande parceiro da 3M.



Em nome da 3M, eu queria agradecer esta oportunidade. Como pessoa física e como pessoa jurídica, como executivo de uma multinacional que investe no Brasil há quase 8 décadas, quero dizer que pesquisa, desenvolvimento e inovação são fundamentais, juntamente, é óbvio, com uma indústria manufatureira pujante e sustentável.

Estive recentemente com o Vice-Presidente Alckmin, com o Ministro Haddad e com outros mais em Brasília. A "neointustrialização", citada por alguns de vocês, ou "nova industrialização" — qualquer que seja o nome que se dê para uma indústria mais sustentável —, é uma pauta fundamental para a 3M, é uma pauta fundamental para o País. Não existe no planeta país desenvolvido, nem país com desenvolvimento progredindo para o lugar certo, como a Índia, agora, sem uma indústria pujante, sem uma indústria inovadora, sem uma indústria sustentável. Eu tenho usado muito a palavra "inovabilidade", ou seja, inovação orientada, com sustentabilidade.

Contem conosco na 3M, contem com a ANPEI, contem com a MEI, da qual sou membro também, Senador Izalci, nessas pautas prioritárias para o nosso País. Elas são fundamentais. Eu defendi as principais no dia de hoje, mas há mais coisas, vários outros aperfeiçoamentos a fazer. Estamos dispostos a falar sobre eles no futuro próximo.

Contem conosco.

**O SR. PRESIDENTE** (Izalci Lucas. PSDB - DF) - Obrigado, Paulo.

Eu vou sugerir que façamos, talvez num acerto com a Academia Brasileira de Ciências, Helena, como fizemos outras vezes lá atrás, um manifesto, assinado por todas as instituições. E marcamos uma reunião com o Presidente da Câmara, depois com o Presidente do Senado, com os Líderes... Precisamos demonstrar que estamos insatisfeitos com esses recursos, com o orçamento. A Ministra Luciana Santos foi colega nossa, Deputada, no período do marco regulatório. Ela também foi Secretária na época em que eu fui Secretário. Sei do compromisso dela com a ciência e tecnologia, mas nós sabemos que neste País... Toda audiência pública



deveria ter um representante do Ministério da Economia, porque com o mérito todo mundo concorda, mas os projetos sempre são barrados lá. Talvez nós tenhamos que sensibilizá-los. Não sei, mas é preciso fazer alguma coisa para reagirmos a isto que está acontecendo, para não termos um retrocesso nessa luta tão grande que fizemos durante esses anos todos. Avançamos muito pouco, mas pelo menos avançamos, com o FNDCT, com o marco regulatório, com a inovação da Constituição e agora com a Lei do Bem. No entanto, é preciso que o Presidente da Câmara e o do Senado — que é também o Presidente do Congresso — sensibilizem-se com isso, para que uma questão estadual ou pessoal não fique acima dos interesses do País, como aconteceu agora na área de ciência e tecnologia.

Quero agradecer muito a cada um de vocês pela presença. Que os nossos Parlamentares possam acompanhar, por meio das apresentações dos oradores, das notas taquigráficas e também da gravação desta nossa audiência, e se sensibilizem um pouquinho para pensar: só vamos avançar realmente com investimento na ciência, na tecnologia e na educação.

Agradeço a cada um de vocês pela presença.

Declaro encerrada esta audiência pública.

Obrigado.